

Villas Boas: o boi e o capim expulsam o homem

Do Enviado Especial

Nossos índios estão morrendo, desaparecendo, numa paisagem onde o boi e o capim vão expulsando definitivamente o homem. O boi, reptante, é anticolonizador, requer o mínimo de mão-de-obra e valendo pouco, pouco o lugar do homem. A taxa anual de crescimento da população brasileira não é pequena. As áreas que atualmente estão sendo impiedosamente desmatadas, depredadas, no futuro farão falta à subsistência e própria fixação do homem. Acentuando dramaticamente que o contato tem destruído não só a cultura, mas a própria criatura, o sertanista Orlando Villas Boas condenou, mais uma vez, os que se preocupam em integrar apressadamente o índio à sociedade nacional, transformando-o, na melhor das hipóteses, "num sapateiro, pedreiro ou pintor".

Convidado pelo Rotary Clube de São João da Boa Vista para proferir naquela cidade uma palestra sobre Indigenismo, o sertanista afirmou que "o nosso senso de humanidade desaparece quando fazemos do índio mera paisagem" diante de um processo avassalador de depredação da natureza, que tem na cachaca e nos vícios as suas mais fortes armas de catequese.

Convalescente ainda da operação cirúrgica a que se submeteu na vista esquerda, Orlando Villas Boas emocionou-se ao falar a centenas de estudantes reunidos na sede do melhor clube local sobre a atual situação do índio brasileiro.

Disse em tom enérgico que o Parque Nacional do Xingu é com certeza, o último refúgio dos povos primitivos diante do processo que ora se desencadeia na Amazonia. E afirmou que os 400 anos de mar-

ginalização dos índios do litoral sul de São Paulo são o melhor exemplo do que tem sido a integração do índio na sociedade: "Quando têm que adquirir roupas, alimentos ou remédios, executam uma forma grotesca de artesanato que é oferecida aos turistas insensíveis ao longo das estradas, numa demonstração trágica de miséria e resignação".

São João da Boa Vista, uma cidade de mais de 50 mil habitantes, distante cerca de 240 quilômetros da Capital, na zona da Mogiana, parou, praticamente, para ouvir e homenagear o sertanista Orlando Villas Boas.

Centenas de estudantes das quatro faculdades locais lotaram o salão do principal clube da cidade para ouvirem silenciosamente os relatos do velho sertanista que, emocionado, conclamou a juventude universitária, principalmente, a tomar consciência urgente do problema de nossos índios.

Antes que fosse projetado um filme de longa metragem — "Os últimos exploradores" — que focaliza a vida dos irmãos Villas Boas e a recente atração dos Kreen-Akatores, Orlando falou cerca de meia-hora, acentuando que "seria formidável se pudesse trazer-lhes, estudantes, notícias que dissessem que tudo val bem com nossos irmãos da selva".

— Na verdade — salientou — é uma pena que eu tenha vindo aqui para falar-lhes de coisas tristes, mas é preciso que vocês se conscientizem.

O sertanista acrescentou que, atualmente, a nossa índole de "povo civilizado" parece sempre nos fazer crer que somos os donos absolutos do destino de nossos índios:

"Parece até que por um fatalismo incrível e absurdo temos que destruir essa gente que sempre viveu feliz em meio aos seus domínios na mata. Agora, diante do processo de ocupação da Amazonia, vemos o índio ao largo do desenvolvimento, como mera paisagem. Por que essa preocupação em integrar apressadamente, quase que pela força? Devemos dar ao índio, pelo seu direito de ser gente como todos nós, a opção da escolha. A opção, enfim, de seu próprio sistema de vida".

E finalizou, ainda emocionado, afirmando que é impossível tentar sustar o desenvolvimento:

— Mas isso, meus jovens, não quer dizer que tenhamos que aceitar o índio como um ser simplesmente escravizado pelos donos da indústria extrativa, que é, como já disse, essencialmente predatória.



Fotos de Mário Chimenovitch

A destruição da Natureza revolta Orlando; a saudade da Natureza irrita Cláudio; a rede é pouco para essa tristeza

Sertanista perdido na selva de pedra

Num apartamento de quarto-e-sala conjugados, no 12.º andar de um prédio da praça Roosevelt, em S. Paulo, um homem, profundamente ausente da sinfonia de caos que os veículos executam rua abaixo, e talvez absorto no valem já monotono de sua rede, armada em diagonal na pequena sala-nua, reflete perplexo sobre as criaturas da cidade que já o violenta em pouco mais de uma semana de convívio desconfiado.

Cláudio Villas Boas, ainda metido no seu desajustado e puido terno marrom, o mesmo com que recebeu amigos e jornalistas tão logo chegou ao rio Peixoto de Azevedo em São Paulo, tem pressa em retornar ao seu longínquo Xingu, para a solidão de seus

para o mistério dos índios e das noites limpidas e à sua própria maneira de ser: enfim, um irremediável solitário.

A viagem ao Japão, em companhia de Orlando, programada para o próximo dia 4 de maio, na verdade, não o anima. A tecnologia e a insensibilidade do homem comum o agridem e ele se confessa profundamente assustado, permanentemente perdido no caos próprio do sistema.

Sobre a rede, que balança pacientemente, o sertanista, cabelos ralos e grisalhos e o cigarro sempre às mãos, como se fora um acessório permanente do corpo encurvado, observa que não percebeu, na cidade, nenhuma relação em nível humano entre as pessoas:

— Não quero ser impiedoso

para com São Paulo, mas o que senti foi tão somente uma euforia incompreensível, onde o homem se envolve cada vez mais alienado. A cidade desumaniza-se, virtualmente, tornando o relacionamento entre as pessoas cada vez mais difícil, cada vez mais distante. Tenho pressa em voltar ao Xingu, uma pressa agônica, existencial. Lá, creio que poderei entendê-los melhor. Em síntese: não estando no processo de afogamento compreenderei melhor o que se está afogando.

Nos últimos dias Cláudio viveu uma de suas mais "difíceis" experiências, quando teve que percorrer algumas lojas do centro da cidade para, em companhia de Orlando, comprar roupas novas:

— Deus do céu, que loucural! Primeiro a massa humana se deslocando pelas ruas como se fosse um impenso e impessoal comboio. Depois, nas lojas, o prego da fama. A cada vez que

era reconhecido cercavam-me dezenas de balconistas, gerentes, pedidos de autógrafos e perguntas. Sou um ser excessivamente introvertido, exatamente ao contrário de Orlando, de Alvaro. Minha reação foi de absoluto medo, simplesmente. Fico imaginando o índio "integrado" a esse caos: seria engolido assim como uma ostra. Aqui, ele não teria nada a perder nem a ganhar, apenas desapareceria.

Para Cláudio, o fato de descer ao bar da esquina para um simples cafezinho na maioria das vezes acaba por se transformar numa situação contraditória: "As pessoas respondem agressivamente, tratam-se sem paciência e parecem não ter tempo nem mesmo para si próprias".

— Que me perdoem os amigos quando recuso os convites para almoços, palestras ou reuniões. Sou tímido até mesmo no informal. É a minha estrutura

ra, e não sei, verdade, porque sou assim. No campo, no mato, reencontro-me em toda a plenitude, consigo desinibido. Sou profundamente humanista, mas, diante das pessoas, comporto-me como uma criança assustada diante da iminência de um castigo corporal. É por isso que tenho pressa em voltar. Uma pressa agônica, existencial.

PROBLEMATICA

O homem ainda está deitado sobre a rede. Fala algo de si mesmo e como não poderia deixar de acontecer, fala sempre sobre os índios, "esses homens que já não têm nada a ganhar e nem mesmo a perder".

E explica que o próprio processo gerado em defesa do índio também o levará à destruição, total, inexorável:

— Mesmo quando defendido, o índio vê-se sujeito a um processo tão absurdo a seu mundo próprio. E, diante disso, eis o irremediável paradoxo: o que o vai defender deve estar em contato consigo, e isso será sempre fatal. É o contato que destrói.

O sertanista, profundamente pessimista, observa que somente o isolamento, quando total, poderá preservar o índio, física e culturalmente:

— O índio não terá lugar em uma nova estrutura, aliás nunca teve. O homem está profundamente embriagado pelas suas conquistas e esquece de tudo, principalmente do seu semelhante. É o contato com as frentes pioneiras que aniquila o homem primitivo. Reduzir, diminuir as suas terras, na verdade, não chega a se constituir num problema grave. Isolar o índio é o ponto-chave de sua sobrevivência. É necessário preservá-lo do momento histórico, o que, verdadeiramente, tem significado a sua morte. Fora disso, acho que só mesmo uma transformação de base, uma renúncia total aos valores materiais poderia salvar nossos índios.

O sertanista recorda novamente o caos da cidade e afirma não entender as pretensões metropolitanas, "tão mesquinhas e egoístas", quando ainda não atingimos o próprio ideal de felicidade:

— Nossos irmãos da selva, sem possuir toda essa sofisticada tecnologia, são plenos e felizes, levando uma vida equilibrada e harmoniosa. O homem da cidade, no momento que nasce, já é um ser contingenciado. E ignora — que absurdo! — aquilo que fundamenta e valoriza o próprio sentido da vida.